

A IDEIA DE SERTÃO NA FORMAÇÃO SOCIOTERRITORIAL BRASILEIRA, E NA REGIÃO DA GUERRA DO CONTESTADO

Nilson Cesar Fraga

Universidade Estadual de Londrina – UEL
Pesquisador do CNPq/PQ, Departamento de Geografia, Londrina, Brasil
ncfraga@uel.br

Victória Jandira Bueno

Universidade Estadual de Londrina – UEL
Departamento de Geografia, Londrina, Brasil
victoria.bueno@uel.br

RESUMO

O artigo em questão teve como objetivo investigar o papel desempenhado pela ideia de sertão na formação socioterritorial brasileira, desde as abordagens teóricas até o mundo real, vivido por populações sertanejas no país, com destaque para a região sertaneja da Guerra do Contestado. O processo histórico-cultural de formação brasileira carrega consigo uma gama de relações no cerne das ideias atribuídas ao sertão, permitindo por meio da pesquisa dos conflitos existentes ao longo dos séculos, compreender o dinamismo de composição do território nacional. Nesse sentido, a categoria espacial de sertão oriunda a partir do olhar geográfico, propõe uma dialética entre o pensamento eurocêntrico, de expansão e domínio do espaço nacional, com o modo diametralmente oposto adotado por aqueles que foram e continuam sendo expulsos dessas terras, e que enxergam no “sertão” um sinônimo de liberdade e esperança em relação a uma sociedade que desde o início os oprime. Metodologicamente foram realizados levantamentos em bibliografias relacionadas a discussão de sertão, tanto em textos geográficos, quanto nos da sociologia, história e antropologia. Para a inserção geográfica da região sertaneja do Contestado, esta ocorreu por meio da ampla produção de Fraga, que vem estudando e geografizando a região do Contestado, desde 1994.

Palavras-chave: Brasil. Território. Sertão. Guerra do Contestado.

THE IDEA OF SERTÃO IN BRAZILIAN SOCIO-TERRITORIAL FORMATION, AND IN THE CONTESTADO WAR REGION

ABSTRACT

The purpose of this paper is to investigate the role played by the idea of Sertão in Brazilian socio-territorial formation, from theoretical to the real world approaches, experienced by Sertanejo populations in the country, emphasizing the Sertanejo region of the Contestado War. The historical-cultural process of Brazilian formation is characterized by a series of relations at the heart of the ideas attributed to Sertão, allowing, through the research of existing conflicts over the centuries, to understand the dynamic composition of the national territory. In this regard, the spatial category of Sertão through geographical perspective proposes a dialectic between the Eurocentric ideals of expansion and domination of the national territory, against the diametrically opposite way adopted by those who were and continue to be expelled from these lands, those who see the Sertão as a synonym of freedom and hope concerning a society that has oppressed them from the beginning. Methodologically, a literature review on Sertão was carried out, through geographical, sociological, historical, and anthropological perspectives. The geographical insertion of the Contestado Sertanejo region was addressed through the wide production of Fraga, who has been studying and geographizing the region since 1994.

Keywords: Brazil. Territory. Sertão. Contestado War.

INTRODUÇÃO: DOS SERTÕES BRASILEIROS AO SERTÃO DO CONTESTADO

Estudar a formação socioterritorial brasileira, necessariamente, exige buscar entendimento para o termo sertão, que, aliás, é mais do que um termo, pois se está descrevendo considerável espaço geográfico do atual território político-jurídico brasileiro. Mas, acima de tudo, se refere as numerosas territorialidades no interior do país (FRAGA, 2019).

Desde o mais famoso, o sertão nordestino, há os sertões sulistas, amazônicos, centro-oesteiros, entre outros, a exemplo do sertão do Contestado, no interior do Paraná e de Santa Catarina, região onde ocorreu a Guerra do Contestado, entre os anos de 1912 e 1916. Para a Geografia, a origem da palavra sertão obteve ao longo da história de formação dos territórios, significados oriundos de distintas interpretações, encontrando no “lugar de fala” a referência necessária para justificar o ponto de vista adotado em cada contexto. Nesse sentido, abre-se esse ensaio a partir de um olhar de sertão escolar, ou seja, aquele que está inserido na escola, quando é debatido tal conceito no âmbito formativo das crianças e dos jovens brasileiros no âmbito da formação básica e média:

A origem da palavra “sertão” é controversa. Alguns afirmam ser derivada de um vocábulo de origem angolana: “muceltão”, que quereria dizer “lugar interior”, “terra entre terras”, “local distante do mar”. O vocábulo angolano teria sido alterado para “celtão” e depois “certão” até adquirir a forma atual “sertão”. Outra versão, mais aceita, atribui a palavra “sertão” ao étimo latino “desertanu”, utilizado para designar regiões interioranas, longe do litoral, porém não necessariamente de clima árido e que teria sido modificado para “desertão” e depois, apenas “sertão” (INFOESCOLA, 2020, s/p.).

Como aponta Amado (1995), desde a chegada dos colonizadores, essa categoria espacial foi amplamente utilizada, ora referindo-se ao significado vindo de Portugal, no qual esse mesmo termo, agora carregado de sentidos negativos, fez jus a história de conquista e consolidação da colônia brasileira, ora para representar a liberdade e esperança dos povos que sofriam algum tipo de perseguição e opressão naquela época, e que de algum modo continuam sendo, nos dias de hoje, o alvo das mesmas condutas de intimidação adotadas séculos atrás, a partir de leituras espaciais estereotipadas e, mesmo, racistas.

Essa supremacia buscou, e ainda busca, silenciar os lugares de fala das populações que vivenciam esses sertões, e que em meio as histórias de domínio e expansão do território, dão voz a um espaço diferente do que foi proposto pela ideia hegemônica da elite brasileira.

Filho (2011) demonstra como a apropriação dos significados negativos construídos ao longo do período Colonial e Imperial, ainda perpetuaram na República e se mantiveram presentes até os dias atuais como parte integrante da identidade brasileira. Nesse sentido, a sensação de pertencimento e de identificação com o processo de formação territorial e histórico-cultural em bases sertanejas foi sucumbida pelos ideais fundamentados nas visões eurocêntricas, racistas, elitistas, sendo o mesmo responsável por uma série de comportamentos desumanos a esses povos.

Esse olhar negativo lançado sobre o mundo sertanejo, no caso sulista, não difere do restante do país, pois até os anos de 1970, os historiadores paranaenses demonstravam que

[...] “os caboclos que viviam dessas atividades, dispersos pela mata, constituíam população numerosa, miserável e sem-terra. Eram, assim, também, posseiros ou intrusos em terra alheia. Até aos ervais e às matas chegava o poderio dos grandes proprietários, senhores também dos ervais e da madeira, ou arrendatários daqueles pertencentes ao Estado. Em consequência, tanto os caboclos das zonas de campo, como aqueles de zonas de mata, eram obrigados a seguir adiante, embrenhando-se no sertão, para estabelecer os seus ranchos e roças, intrusando terras ou tirando novas posses” (BALHANA e outros, 1969, p. 198).

Essa leitura que os caboclos viviam dispersos nas matas, miseráveis e sem-terra, já foi amplamente derrubada por outros pesquisadores sociais e humanistas, sobretudo no que concerne ao fato de serem tidos como intrusos, pois eram, na realidade, posseiros e que viriam viver a expulsão de suas terras de posse com o advento da entrada do capital estrangeiro no sertão do Contestado, fato que levaria aquele sertão às armas, em quatro anos de guerra civil no início do século XX (TEIDER; FRAGA, 2017). A figura 1 mostra o cotidiano de uma posse de terra cabocla no sertão do Contestado.

Figura 1 - Cotidiano do Sertão do Contestado, início do Século XX.



Fonte - JANSON, C., 191?.

O Sertão do Contestado, território de vida e do modo de vida de numerosa população sertaneja catarinense e paranaense, faz parte, também, de um sertão que precisava ser superado e submetido à modernização que se instalava na região naquele período histórico, mas estava envolto, ainda, no processo de branqueamento da porção territorial contestada entre os dois estados sulistas. O Contestado, seu imenso sertão, vivenciava uma reconquista territorial que se fez por meio de uma guerra civil, entre o Estado nacional, as duas unidades federadas e quase uma dezena de coronéis latifundiários regionais que viram “suas terras” se valorizarem com a entrada do capital imperialista estadunidense (FRAGA, 2012; 2015; 2017a; 2017b).

Para Moraes (2012), esse sertão passou a ser visto como algo a ser superado, submetido e até mesmo incorporado aos meios econômicos, resultando numa figura do imaginário da conquista territorial. Todavia essa designação foi em sua grande parte acompanhada de projetos, sejam eles de caráter povoador, civilizador ou modernizador, criando por meio da necessidade de transformação a justificativa de um espaço a ser conquistado.

Diante dessa constatação se faz necessário investigar os diferentes lugares de fala desses “sertões”, e trazer a sensibilidade para as pessoas, para sua realidade, respeitando a subjetividade e particularidades presentes. É a compreensão da relação de pertencimento fazendo a diferença para uma ciência que integre os saberes dos povos tradicionais do campo, bem como seu modo de vida, sua cultura, forma de pensar e suas relações com a natureza (FRAGA; SILVEIRA, 2015).

É promover uma ideia de sertão que busca a promoção de uma educação efetiva, de bem-estar social, ao direito à vida e aos recursos naturais. Por isso repensar o papel desempenhado pela ideia de sertão na formação territorial brasileira ajudará na busca de novos horizontes rumo a construção de políticas públicas conscientes e de proteção socioambiental e cultural, buscando integrar a justiça social, a eficiência econômica e a sustentabilidade ambiental, esta última, para além da vulgaridade do uso do termo por políticos, mídias e organizações civis e não-governamentais.

Partindo do pressuposto da análise de relatos e de pesquisas que abordem a temática em pauta, foi desenvolvido o caráter qualitativo a fim de obter informações mais detalhadas sobre as discussões recorrentes apresentadas nas bibliografias, compreendendo a qualidade de suas propostas de diálogos e sua importância frente ao cenário envolvendo a dialética da palavra *sertão*.

A metodologia foi desenvolvida por meio de pesquisas em fontes secundárias, fundamentada em revisão de literatura, compreendendo o levantamento bibliográfico referente ao sertão e a importância do mesmo na composição dos diferentes lugares de fala, dos papéis que a ideia desempenhou ao longo da história de formação do país e ao escopo investigativo da ciência geográfica frente a abordagens envolvendo território, lugar, política e economia, além das questões sociais e ambientais apresentadas.

O papel desempenhado pela palavra *sertão* carrega consigo um leque de interpretações, isso porque, ao longo da história, o uso desse termo acompanhou a cultura na qual estava inserida, buscando por meio dos diferentes lugares de fala, expressar o “sentido” atribuído a palavra. No caso do Sertão do Contestado, há um discurso secular regional sobre os caboclos e as caboclas serem sertanejos vagabundos/as e preguiçosos/as para o trabalho. Isso confirma a falta, nesse longo período de pouco mais de cem anos desde o fim da Guerra do Contestado, de políticas públicas que amenizassem essa relação e gerassem condições para que a população cabocla fosse inserida regionalmente, coexistindo, em dignidade, com outros grupos humanos que reterritorializaram a região no pós-guerra (FRAGA, 2019; 2010; 2017c).

A permanência da retórica de que o colono de ascendência europeia é trabalhador e de que o caboclo/sertanejo é preguiçoso, alimentou os últimos cem anos, enterrando-os na marginalização regional deste sertão negado pelas elites catarinenses e paranaenses, pois eles foram mantidos sem acesso à terra, ao trabalho tecnificado e digno e, mesmo, ao ensino médio e técnico, principalmente o superior. Em síntese, há um processo histórico de silenciamento e invisibilidade do povo sertanejo nos dois estados, pois o sertão precisava desaparecer em meio ao desenvolvimento vivenciado pelo Paraná e por Santa Catarina, no último século, onde o sertão não condizia com a invenção do Sul opulento, rico, desenvolvido e europeizado (FRAGA, 2012; 2005; 2017d). A figura 2 permite visualizar um grupo de caboclos/sertanejos que após serem aprisionados, estavam sendo alimentados pelas forças legalistas republicanas, para na sequência, serem eliminados.

Figura 2 - Família sertaneja do Contestado sendo alimentada depois de capturada.



Fonte - JANSON, C., 1915.

Após uma análise envolvendo abordagens que retratam o papel desempenhado pela ideia de sertão e sua contribuição na formação territorial do país, foi observado que perante os estudos e relatos, dificilmente encontraríamos uma única narrativa, sobretudo, àquela que promovesse uma ideia originária do país. Isso claramente se deve ao fato de que nessas narrativas, os lugares de fala eram ocupados por pessoas com objetivos bem articulados e específicos, compostos em sua grande maioria pela massa colonizadora, e que não à toa, seria reflexo desse processo colonizador que, nas últimas décadas, ampliou o esmagamento do sertão enquanto territorialidades nacionais, excluindo-os na medida que avançavam, principalmente, as fronteiras agrícolas modernas sobre o território – o Contestado é apenas um exemplo desse processo histórico de desmanche, silenciamento e invisibilidade dos mundos dos sertões brasileiros.

Os sertões foram “conquistados” e “ocupados” aos poucos, já que até então, o interior do continente constituía um extenso vazio cartográfico/demográfico, principalmente com o avanço centro-sulista sobre o território nacional, com as fronteiras agrícolas que avançaram sobre os sertões, lançando-os no passado, e eliminando-os do presente, pois representam o atraso na concepção elitista brasileira. Nesse sentido, Rêgo (2016) apresenta um conhecimento dividido entre mito e realidade, elucidando a criação de uma “geografia imaginária” sobre os sertões.

Os sertões traziam consigo marcas do processo colonizador, e que para Leonardi (1997, p. 310) “se caracterizava quase sempre como as fronteiras entre o legal e o ilegal, entre o possível e o impossível. Sertão dos perigos e dos riscos, onde a imaginação crescia, virando causo ou mentira, ou mito, ou fato histórico ou esquecimento”.

Deste modo, essa imaginação se tornou uma forma de representar o desconhecido através do pensamento europeu, refletindo por si, a linguagem do outro, “civilizado” (ALMEIDA, 1998). Logo, esse entendimento de sertão, enquanto imagem presente, descrita pelos “de fora”, permite o questionamento da imagem “ausente”, abrindo outras possibilidades de reflexão e experiências.

Não foi diferente no sertão do Contestado, cuja leitura dos de fora acabou por manter e fortalecer os estereótipos atinentes aos sertanejos, principalmente pelo fato de que este povo se ergueu contra a tirania do capital protegido pelo Estado que lhes usurpava a terra de posse secular. A, ainda, pouco conhecida Guerra do Contestado, um dos maiores conflitos socioterritoriais da América Latina, buscou eliminar toda a população tradicional sertaneja/cabocla da região, abrindo espaço para a recolonização a partir da entrada de imigrantes de origem europeia, inicialmente alemães e italianos e, na sequência, de eslavos. Mas, passados pouco mais de cem anos dessa guerra, há numerosos caboclos e caboclas que seguem lutando pelo direito à terra ocupada por seus ancestrais no sertão. Muitos desses, vivem hoje na periferia das pequenas cidades do Contestado, outros são explorados nos latifúndios e, alguns, estão acampados ou assentados e ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e, por conta disso, essa região possui os mais baixos índices de desenvolvimento humano de Santa Catarina e do Paraná, ou menos do Brasil, pois o índice de pobreza nos municípios da região varia entre 20 e 48% da população residente (FRAGA, 2005; 2006; 2009; 2011; 2016; 2017e).

Praticamente todos os sertões brasileiros são tidos como ambientes desconhecidos, vazios e devolutos, a exemplo de como era considerado o Contestado. Os estudos apontam que o preenchimento desse “desconhecido”, somente foi possível por meio da articulação estreita de interdependência entre as ações da Coroa e particulares. Essa expansão portuguesa foi marcada por uma “visão maravilhosa”, encontrando na imaginação popular [...] “a sua propaganda em prol dos sertões, criando contos fantásticos, propalando visões maravilhosas” (SAMPAIO, 1901, p. 81).

Assim, ideias e discursos carregados de conotações distorcidas eram espalhadas por intermédio do vocabulário bárbaro utilizado para representar os habitantes desses *sertões*. Nesse contexto, Lima (1999) aponta a presença de uma ideia binária acerca desses espaços, a autora afirma que o dualismo entre sertão e litoral como integrante de um campo semântico, atribuía ao sertão a ideia de um lugar afastado do poder público e de seus projetos modernizadores, um lugar a ser incorporado ao Estado e à nação por processos de civilização e conquista que garantiriam o progresso.

Ainda nesse cerne, Nogueira (2018, p.51) destaca que:

A concepção do sertão como lugar insalubre e enfermo que retardava o avanço do país, ajudou a compor uma imagem na qual metáforas organicistas serviam indistintamente para qualificar a sociedade e o território, repondo a questão da população com que o Brasil contaria para se modernizar.

Nessa perspectiva, o termo “sertão” foi adquirindo conotações ambíguas e complementares, que refletiam uma relação entre a percepção do espaço e a formação do imaginário sobre o interior desconhecido, e o Contestado fora tido como um desses sertões desconhecidos.

Antônio Carlos Robert de Moraes nota que:

É no apetite territorial de certas sociedades europeias que devemos buscar o móvel primeiro da expansão marítima. [...] e que é na capacidade plástica de se apropriar de lugares os mais diversos e moldá-los segundo seus interesses que se pode avaliar o êxito ou fracasso dos vários empreendimentos coloniais (MORAES, 1996, p. 143).

Assim, se faz necessário, voltar no tempo para melhor entender as representações e relatos portugueses que apresentavam um caráter fadado ao desconhecimento factual, com o objetivo tão e somente de atender ao sigilo da Coroa, que escondiam tanto o que sabiam, como tudo aquilo que ignoravam (Figura 3).

Figura 3 - Accuratissima Brasilia tabula.



Fonte - JANSSONIUS, J., Mapoteca do Itamaraty, Rio de Janeiro, 2021.

Um exemplo da geografia imaginária, em contraste, quem sabe irônico, com o adjetivo empregado no título "accuratíssima", apresentando a descrição do que se supunha haver nos sertões. Como exposto, os detalhes morfológicos presentes, não apresentavam muita relação com o terreno, e sim, em sua maioria, com vazio cartográfico/demográfico.

Recorreu-se assim, a uma Geografia imaginária, utilizadas por viajantes e cronistas cujas narrativas destinavam-se a saciar a curiosidade de outros e a trazer sentido e significado sobre a aparência de um "objeto", e não sobre o objeto em si.

Esse mito geográfico e político, entretanto, não seria capaz, por si só, de inspirar, direta ou indiretamente, toda a expansão territorial da América Portuguesa. A elaboração de diferentes estratégias de apropriação territorial, reverberadas por meio dos segmentos populares, enraizava-se na ideia de construção de um país por intermédio de um plano nacional oriundo de uma ótica geopolítica. Assim, Moraes (2002, p. 118/121.) ressalta que:

O padrão discursivo básico do século XIX que conforma essa concepção, estrutura-se em torno do conceito de civilização, atribuindo, portanto, à monarquia brasileira uma missão civilizadora. Construir o país é levar a civilização aos sertões, ocupar o solo é subtrair os lugares da barbárie, o que cabe a uma elite que se auto-define como "representante das ideias da Ilustração" [...]. O papel catalisador que a noção de "civilização" cumpriu para a antiga mentalidade será agora ocupado pelo conceito de modernização. Tal conceito, central no pensamento brasileiro do século XX, reveste-se também de densa espacialidade. Pode-se dizer que modernizar é, entre outras coisas, reorganizar e ocupar o território, dotá-lo de novos equipamentos e sistemas de engenharia, conectar suas partes com estradas e sistemas de comunicação. Enfim, modernização implicava no caso brasileiro necessariamente valorização do espaço. Nesse sentido, o país podia ser novamente equacionado como âmbito espacial no qual o Estado devia agir para instalar o novo projeto nacional: a construção do Brasil moderno.

O esboço acima elucida que o sertão e sua população, eram fatores indissociáveis, compreendidos como patologias nacionais, problemas que somente seriam superados por meio dos planos nacionalistas do Estado, algo marcante ao se pensar o sertão do Contestado, tido tanto pela mídia da época, como pela elite, como um problema a ser resolvido, sendo que no Contestado aí se estabeleceu um elemento diferenciador, a de que a população sertaneja estava enlouquecida a partir do fanatismo religioso que advinha da ligação com a figura dos monges que passavam pelo sertão, de tempo em tempos.

A ideia de sertão adquirida pelos "de fora", notavelmente se constitui como uma Geografia imaginária, uma ideia concebida. Essas condições e aspectos tornaram o sertão uma categoria histórica que se encontra no limite entre ficção e realidade (LEONARDI, 1997). Sendo assim, a ficção seria representada pela ideia advinda dos colonizadores e a realidade enquanto o espaço de experiências e vivências dos sertanejos, entendidos como os "de dentro". As contradições envolvendo o olhar dos de fora para os de dentro, foi salutar na questão do Contestado, pois o olhar de fora foi responsável pela construção da estereotipização sertaneja, a ponto de levar o próprio Estado nas ações de destruição dos sertanejos.

Para Moraes (2003) trata-se de um processo de valoração aplicável aos lugares novos, que permite essa nova onda colonizadora. Assim, torna-se possível qualificar porções que se quer apropriar, sobretudo através dos fundos ainda existentes no território nacional em cada época considerada O autor ainda ressalta que:

O sertão é comumente concebido como um espaço para a expansão, como o objeto de um movimento expansionista que busca incorporar aquele novo espaço, assim denominado, a fluxos econômicos ou a uma órbita de poder que lhe escapa naquele momento. Por isso, tal denominação geralmente é utilizada na caracterização de áreas de soberania incerta, imprecisa ou meramente formal (2003, p. 3).

Percebe-se, portanto, que o sertão se configura como um espaço enfocado, qualificado para ser superado. Essa "expansão" acontece por meio de um exercício onde a denominação já expressa interesses projetados, se caracterizando como mais uma dominação política no âmbito espacial. Tal expansão foi o cerne das ações promovidas contra milhares de famílias sertanejas no Contestado, afinal, aquelas terras ocupadas pela população cabocla passara a ter outro sentido e outro valor desde que se decidiu construir uma estrada de ferro que cruzaria o sertão, interligando Santa Maria,

no Rio Grande do Sul, até Sorocaba, em São Paulo, e a ferrovia rasgou as territorialidades caboclas, gerando quatro intensos anos de guerra civil no sertão do Contestado (FRAGA, 2022; 2013; 2002).

Diante as premissas expostas, é possível identificar que o papel desempenhado pela ideia de sertão apresentada acima, se dissemina através de uma Geografia imaginária, que permite a construção de uma imagem oriunda da mentalidade reinante e dos interesses vigentes no processo.

Seguindo os ideais eurocêntricos, não seria à toa que a descrição do sertão estaria carregada de um imaginário não condizente com a realidade vivida no país. Essa ideia atribuída, teria como objetivo estabelecer uma noção de lugar que pudesse ser equacionada através de um processo de homogeneização de políticas e práticas territoriais, e que neste caso, atenderiam aos interesses nacionalistas. Em matéria de eurocentrismo, o sertão do Contestado vivenciou-o com maior força, pois estando em uma área ainda pouco territorializada político-juridicamente pelos dois estados envolvidos, estes iniciaram o processo de branqueamento já no final do século XIX, na mesma época em que o sertão estava sendo loteado para a entrada do capital estrangeiro, a partir da construção da estrada de ferro e depois instalação de indústrias madeireiras estrangeiras (FRAGA, 2020).

No entanto, essa dialética entre o ideal concebido e a ideia vivida, permite o questionamento da imagem “ausente”, aquela que resgata os sertões enquanto lugares carregados de significados ligados à sua história, à produção social e simbólica de seus habitantes. Os espaços vividos são compreendidos enquanto frutos das interações sociais do homem e o meio e aos sentimentos de pertencimento recorrentes das práticas e aspirações ali realizadas, sobretudo por meio de relações que lhes dão sentido (BAILLY e CARLOS, 1990).

Rachel de Queiroz é uma “de dentro” que fala do seu lugar, do seu espaço vivido. Em uma crônica “politicamente nordestina”, sobre o sertão e sertanejos, a autora enfatiza que “o sertanejo é antes de tudo, um forte”. Nesse sentido, Almeida (1998) indica que essa concepção atribui uma forma particular de identidade social, vinculada à base territorial, de práticas culturais compartilhadas, de pertencimento a uma rede de relações com o espaço e de referenciais simbólicos (Figura 4).

Figura 4 - Família sertaneja típica, à beira da estrada.



Fonte - AB'SÁBER, A. N., 1978.

Ao fundo, encontra-se o plantio de milho e mandioca, em meio de caatingas arbóreas. Em uma pesquisa na região Nordeste sobre expressões culturais, foi apontada a relação sertanejo e caatinga, por meio do aproveitamento e exploração de seus recursos naturais, da criação/manutenção de ritos e histórias relacionadas ao ambiente, bem como a revelação do caráter da percepção da natureza e da junção cultura-natureza por parte destes sertanejos (ALMEIDA e VARGAS, 1997).

No sertão do Contestado, foi em meio a esta natureza até então tida como selvagem (este selvagem tipicamente interrelacionado com a ideia de sertão bruto e inexplorado, fruto das leituras clássicas brasileiras), que soldados e caboclos, emudeciam o som da natureza por meio do armamento pesado utilizado nas batalhas estigmatizando uma paisagem de sofrimento, dor e angústia que se configurou em um dos conflitos mais sangrentos vivenciados em território brasileiro (FRAGA; HOBAL; FERNANDES, 2006).

A referida região possuía uma densa mata com Araucárias intercaladas com campos naturais (Figura 5), fato que chamou atenção de grandes empresários da época e que fez com que crescessem as vistas para lá, principalmente no que concerne às atividades ligadas à extração da madeira por companhias estrangeiras (FRAGA, 2016). Ao passo que a região se tornava interessante economicamente, a mesma já se fazia ocupada por caboclos secularmente. Estes primeiros ocupantes da região foram totalmente massacrados e dizimados pela força do Exército brasileiro, uma vez que a região conhecida como Contestado havia sido vendida para o capital estrangeiro da Lumber (FRAGA, 2016).

Figura 5 - Paisagem sertaneja típica nas matas com Araucárias, Lebon Régis, SC.



Fonte - FRAGA, N. C., 2017.

A paisagem planáltica é surpreendente, a cobertura vegetal não deixa de acompanhá-la nas suas feições imprevistas. Áreas de matas fechadas se refazem, por vezes, até que se tornam campos de

belas pastagens lindos vergéis onde o horizonte se perde nesses campos percorrendo obstáculos ao encontro das imensas araucárias (OLIVEIRA, 1985).

A natureza, ou o ambiente físico, é a base de toda a civilização do sertão do Contestado, aonde a paisagem do Contestado é apreciada em sua grande área pelas matas com Araucárias, espécie arbórea que engrandeceu os olhos ao longo de muitas décadas de empresários que trabalhavam com a exploração de madeiras, em especial a Southern Brazil Lumber and Colonization Company, mais conhecida como Companhia Lumber, de origem estadunidense que consistia em uma empresa madeireira e colonizadora, subsidiária da companhia responsável pela construção da ferrovia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, (FRAGA, 2013).

Ainda assim, mesmo com tamanho potencial, quando se trata da promoção de propostas destinadas aquelas comunidades sertanejas, os órgãos de planejamento desconsideram qualquer conhecimento sertanejo acerca de estratégias que visem minimizar as situações paradoxais as quais essa população está exposta, promovendo sugestões que desconhecem a realidade ali vivida – seja no sertão nordestino, contestadense, amazônico etc. E mesmo diante de todos os saberes das populações autóctones, há quem critique a importância social e cultural de tais hábitos e modos de vidas baseados na experiência secular dos/das que lá habitam.

Diferente do que se foi disseminado a partir das ideias eurocêntricas, dos “de fora”, o sertão para os “de dentro” é, portanto, um ambiente extremamente generoso e rico, que é explorado e associado a um modo de vida particular. É baseado e representado por intermédio de um ritmo de vida, cercado por um sistema de valores e um conjunto de conhecimento adquirido desde a infância, no qual, o mesmo acaba sendo compartilhado com os demais (WALTER, 1995).

Segundo Almeida (1998), a natureza para o sertanejo é vista por uma dupla face: por um lado no seu aspecto tangível, tátil, ela é um recurso a ser utilizado; por outro lado, na sua parte constitutiva, ultrapassa o entendimento humano, ela se revela no seu valor metafórico. Percebe-se então, que em qualquer conceituação, o referencial não está intrinsecamente relacionado às condições geográficas, mas sim, ao olhar de quem se depara com aquele espaço diferenciado.

Ainda nesse cerne, é interessante relembrar o episódio em que Rui Barbosa cita Jeca Tatu no teatro lírico, descrevendo-o tal como Monteiro Lobato havia descrito, como “símbolo de preguiça e fatalismo, de sonolência e imprevisão, de esterilidade e tristeza, de subserviência e embotamento.” No entanto, ao conhecer a realidade das regiões sertanejas, o próprio Lobato acaba desmistificando as características até então atribuídas, e a partir desse episódio, considerar que tal condição ali observada é resultado de um país que não cuida de seu povo (PALMA, 2006).

Toda essa análise permite ressaltar que o sertão, a partir das falácias presentes num contexto político, reitera a ideia de uma terra que contrariava a expansão da coroa portuguesa, a própria construção do Brasil Imperial e, depois, no início da República, a organização de uma nação moderna. Todos estes períodos da formação socioterritorial brasileira, ignoraram o fato de que estes sertões eram as regiões que mais necessitavam de políticas públicas para subsistência de seu povo devido seu dito atraso civilizatório (FRAGA; GOLÇALVES, 2016).

Em contrapartida, o que se observa na prática, são interesses e olhares totalmente contraditórios, reduzidos meramente aos ideais políticos e econômicos. Isso fica nítido quando se deixa de lado qualquer possibilidade de integração desse povo, dos seus saberes, das suas particularidades, da sua vivência, do seu existir. Tais fatores foram tão fortes, que levaram o sertão do Contestado aos belicosos quatro anos de guerra civil, cujo objetivo principal por parte da República Velha, era extirpar da face da terra toda aquela população que, na lógica política daquele momento, representava o atraso no Sul do país (FRAGA; GONÇALVES; CAVATORTA, 2017).

Ab’Saber (1999) estabelece que o grau de diferenciação de seus espaços econômicos e sociais é inegavelmente baixo”. Contudo, também aponta que “é uma região sob intervenção, onde o planejamento estatal define projetos e incentivos econômicos de alcance desigual, mediante programas incompletos e desintegrados de desenvolvimento regional”.

O sertão do Contestado, por exemplo, as análises de dados públicos emitidos por órgãos federais e estaduais, que traçam “um retrato regional” que revelam, que tanto a população urbana quanto a rural

apresentam baixos índices de qualidade de vida se comparado com outras regiões desenvolvidas de Santa Catarina e do Paraná. É notório que essa região já estava abaixo dos padrões de desenvolvimento regional quando da época da Guerra do Contestado, mas 110 anos depois, passando por todos os processos de desenvolvimento observados nos estados em questão, ela não conseguiu acompanhar o padrão de riqueza das demais regiões (FRAGA, 2012).

Outro episódio que deixa claro o “esforço” das elites políticas do país, fica esboçada na descrição de seus trabalhos, por parte dos partícipes dessas missões civilizatórias. Em uma conferência proferida, em 1920, na cidade de Piracicaba, no interior de São Paulo, significativamente intitulada “Rumo ao Sertão”, Cândido Rondon exprime com clareza a relação que comumente se estabelecia na época entre a interiorização do povoamento, a conquista dos sertões do Brasil central e o futuro desenvolvimento econômico do país, colocando a questão nos seguintes termos:

O problema brasileiro, a meu ver, que de nós mais carinho está a exigir, é o do sertão, ou seja, do seu útil povoamento. É para o sertão que os nossos melhores esforços deviam convergir, na conquista das fabulosas riquezas que a nossa abençoada Terra guarda e conserva com o carinho e zelo da Mãe Extremosa. Desvendar essas riquezas, pô-las ao alcance dos capitais humanos capazes de incrementar o progresso do Brasil incomparável, seria serviço de alto alcance patriótico, a que todos os brasileiros deviam com entusiasmo entregar-se [...] (RONDON, 1922, p. 57).

Em outros termos, para Rondon a definição do sertão inclui a projeção de uma valorização futura que irá mudar a condição atual da área assim qualificada. Portanto, a população que vive nesses sertões ao olhar de Rondon, em outras palavras, seria um fator limitante para a dominação daquelas terras, já que, para essa elite, o único objetivo culminaria numa expansão de sua influência política e econômica, a qualquer custo, e considerar aqueles que ali estavam presentes, não fazia parte dos planos.

De antemão, Luz (2015) relembra que os sertanejos, ribeirinhos, geraizeiros, vazanteiros, e tantos outros povos tradicionais, que vivem nesses sertões, como aquelas nas margens e no entorno do Rio São Francisco no sertão mineiro, demonstram que o sertão é o território de pluralidades de modos de vida tradicionais, de povos que sabem viver, conviver e preservar a sociobiodiversidade.

Assim, é permitido supor que o sertão, “na sua resistência e irredutibilidade, seja o próprio Brasil que se representa e se singulariza e, pela atualização permanente desse mito, cada geração de brasileiros retome e reconstrua simbolicamente a saga épica do sertanejo” (SENA, 1998, p. 27).

Esse entendimento nos permite fazer a ligação com as ideias debatidas até aqui, de que a falta de representações geográficas do Brasil até início do século XX, sobretudo aquelas que reafirmasse a cultura sertaneja, possibilitou o surgimento de várias interpretações desse espaço. Concomitante a essa ideia, Filho (2006) defende que:

Para aquele que é de fora, que não compreende nem respeita as características peculiares do sertanejo, a identidade da pessoa desta região é acompanhada de um orgulho e amor por si mesma. Não é uma identidade de superfície, que se esgota naquilo que se vê à primeira vista, mas uma identidade arraigada, imersa em valores regionais, orientada por um código secreto, embasada numa lógica própria. (FILHO, 2006, p. 03).

Para este autor, há, portanto, o reconhecimento das relações sociais que se realizam no plano do vivido e dos processos de percepção dos mesmos.

Assim como defende Rachel de Queiroz (1995, p. 60), ser chamado de sertanejo não desagrade, mas, ao contrário, é motivo de orgulho. “A gente gosta de ser diferente”. Assim, a identidade pela naturalidade é reforçada pela autodenominação e pela alteridade. Neste contexto, as investigações apontam que o sertão do Contestado se caracteriza como uma “ilha” de identidade cultural que sofreu mudanças temporais, normais e naturais, mas que permanecem territorialmente, cujo orgulho de ser e viver como caboclos e caboclas (FRAGA, 2006), se ampliou nos últimos anos, notadamente quando dos eventos culturais de ressignificação da cultura caboclo-sertaneja (Figura 6).

Figura 6 - Apresentações Culturais Escolares, I Semana do Contestado, Lebon Régis, SC.



Fonte - FRAGA, N. C., 2015.

Estas atividades culturais rememorativas que evocam a cultura sertaneja secular no Contestado, apontam para a proposição de sua manutenção e elucidação social, no intuito da manutenção da identidade cultural, que dá marca ao povo nos seus territórios históricos de referência, ampliando o enraizamento, diferenciando-o e fazendo-o existir no contexto de uma República Federativa de território enorme e de múltiplas e complexas culturas (FRAGA, 2012).

CONSIDERAÇÕES, OS SERTÕES COMO CENÁRIOS DE VIDAS

Constata-se que a dialética que circunda as discussões acerca do papel desempenhado pela ideia de sertão tem como forte característica, a dualidade dos discursos. Ou seja, os lugares de fala são protagonizados sob duas óticas: uma através do olhar colonizador, e a outra, do colonizado. A visão que foi adquirida pelos “de fora”, notavelmente se constitui como uma geografia imaginária, uma ideia concebida que retratava o sertão e sua população, enquanto fatores indissociáveis, compreendidos como patologias nacionais, problemas esses, que somente seriam superados através de um processo de homogeneização, por meio de políticas e práticas territoriais que atenderiam aos interesses nacionalistas. O sertão do Contestado como exemplo desse cenário, permite a visualização dessas ideias antagônicas. Para os “de fora” esse sertão de natureza e população selvagem era visto como algo a ser superado, competência essa, que deveria ser cumprida pelo Estado. Todavia, esse ideal concebido se difere da ideia vivida, fato que permite o questionamento da imagem “ausente”, àquela que resgata os sertões enquanto lugar carregado de significados ligados à sua história, à produção social e simbólica de seus habitantes.

Nesse sentido, os espaços vividos, assim como os do Contestado, são compreendidos enquanto frutos das interações sociais dos indivíduos com o meio, e produzem, concomitantemente, sentimentos de pertencimento recorrentes das práticas e aspirações ali realizadas, por meio, sobretudo, das relações que lhes dão sentido. Diferente do que se foi disseminado por intermédio das ideias eurocêntricas, dos “de fora”, o sertão para os “de dentro” é, portanto, um ambiente extremamente generoso e rico, com uma dinâmica associada a um modo de vida particular, demonstrando que o mesmo é o território de pluralidades, de modos de vida tradicionais, de povos que sabem viver, conviver e preservar a sociobiodiversidade, a partir dos saberes resguardados pelas ancestralidades sertanejas – caboclas, no caso da região do Contestado -, permitido supor que o sertão, “na sua resistência e irredutibilidade, seja o próprio Brasil que se representa e se singulariza.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Concessão da Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ) e ao Programa Institucional de Apoio à Inclusão Social, Pesquisa e

Extensão Universitária – PIBIS 2021/FA - Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA), pela Bolsa de Inclusão Social.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER, A. N. **Sertões e sertanejos**: uma geografia humana sofrida. Dossiê Nordeste Seco - Estud. av. 13 (36). Ago. 1999. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141999000200002>
- ALMEIDA, M. G. Em busca do poético do sertão. **Espaço e Cultura**. UERJ, n. 6, p. 33-43, 1998.
- ALMEIDA, M.G.; VARGAS, M. A. M. **Sertão do baixo São Francisco Sergipano**: expressões culturais e territorialidade etnogeografia do sertão sergipano. Aracaju: CODEVASF/ UFS/SEPLANTEC - SE (mimeografado), 1997.
- AMADO, J. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.
- ANTONIO FILHO, F. D. Sobre a palavra "sertão": origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica). **Ciência Geográfica**, Bauru, v. XV, n. 1, p. 84-87, Jan/Dez- 2011.
- BAILLY, A., SCARIATI, R. **Humanisme en Géographie**. Paris: Anthropos, 1990.
- BALHANA, A. P., MACHADO, B. P. & WESTPHALEN; C. M. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969.
- CARLOS, A. F. **O lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- FILHO, F. D. A. Sobre a palavra "sertão": origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica). **Ciência Geográfica**, Bauru, v. XV, n. 1, p. 84-87, Jan/Dez- 2011.
- FILHO, O. O. **Resistência identitária**: a configuração etnocultural da comunidade sertaneja nortemineira no processo histórico de Minas Gerais. **Revista UFG**, Goiânia, v. 8, n. 2, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48102>. Acesso em: 29 ago. 2022.
- FRAGA, N. C. **A Guerra do Contestado como crime contra a humanidade**: o direito à terra e à vida - (in)certezas sobre o mundo caboclo. FÖETSCH, Alcimara Aparecida; GEMELLI, Diane Daniela; Buch, Helena Edilamar Ribeiro (Org.). Geografia do Contestado: 50 anos de fazer Geográfico. Curitiba: Íthala, 2016, p. 29- 44.
- FRAGA, N. C. **Araucaria angustifolia** - ganância, imediatismo e extermínio na região do Contestado. In: Nilson Cesar Fraga. (Org.). Contestado, o território silenciado. 2ª ed. Florianópolis, SC: Insular, 2017a, p. 269-296.
- FRAGA, N. C. **Contestado em Guerra**: 100 anos do massacre insepulto do Brasil. Florianópolis: Editora Insular, 2012.
- FRAGA, N. C. **Contestado, cidades, reflexos e coisificações geográficas**. Florianópolis: Editora Insular, 2016.
- FRAGA, N. C. **Contestado, o território silenciado**. Florianópolis: Insular, 2017b.
- FRAGA, N. C. **Contestado**: A Grande Guerra Civil Brasileira. In: REZENDE, C. J; TRICHES, I. Paraná, Espaço e Memória – diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Ed. Bagozzi, p. 228-255, 2005.
- FRAGA, N. C. **Contestado**: redes no Geográfico. Florianópolis: Editora Insular, 2017c.
- FRAGA, N. C. **Geografias de tempos de dominação e barbárie**: os movimentos socioterritoriais e as escolhas geográficas que negligenciam a formação territorial do Brasil. In: Flamarion Duarte Alves, Sandra de Castro de Azevedo, Estevan Leopoldo de Freitas Coca, Ana Rute do Vale. (Org.). A Dimensão política no espaço: conflitos e desigualdades territoriais na sociedade contemporânea. 1ªed. Alfenas, MG: Editora da Universidade Federal de Alfenas, 2019, v. 1, p. 84-114.
- FRAGA, N. C. **Mudanças e permanências na rede viária do contestado**: uma abordagem acerca da formação territorial no Sul do Brasil. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR, p.188, 2006.

- FRAGA, N. C. **Terrítório do Contestado - Sul do Brasil**: a Civilização Cabocla e a Guerra do Contestado. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AvWvvdJIP1s&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0DJaojAi1g206V5BtzNS3aTo7Yut3jYE30HuaXQavVDE_JTUuw3qLBjAA>. Acesso em: 05 jul. 2022.
- FRAGA, N. C. **Terrítório e Silêncio**: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico. In: Nilson Cesar Fraga. (Org.). Terrítórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas. 2ª ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2017d, p. 73-90.
- FRAGA, N. C. **Terrítórios e Fronteiras**: (Re)arranjos e Perspectivas. Florianópolis: Editora Insular, 2017e.
- FRAGA, N. C. Turismo de Guerra: a possibilidade de novo tipo de turismo para o Brasil. Marco inicial – guerra do Contestado (1912-1916). **Revista PerCurso: Curitiba em Turismo**, 2002, ano 1, n. 1, p. 43-76.
- FRAGA, N. C. **Um território de invisibilidade e miséria**: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In: Arno Wehling; Augusto César Zeferino; Aureliano Pinto de Moura; Gunter Axt; Helen Crystine Sanches. (Org.). 100 Anos do Contestado: memória, história e patrimônio. Florianópolis: Ministério Público de Santa Catarina, 2013, p. 369-392.
- FRAGA, N. C. **Vale da Morte**: o Contestado visto e sentido - "entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná". Blumenau: Editora Hemisfério Sul, 2015.
- FRAGA, N. C.; GOLÇALVES, C. **Timbó Grande, o último reduto do Contestado**: um território de muitas batalhas. In: Contestado: cidades, reflexos e coisificações geográficas. Org. FRAGA, Nilson Cesar. Florianópolis: Editora Insular, 2016.
- FRAGA, N. C.; GONÇALVES, C.; CAVATORTA, M. G. Contestado: o sagrado e o profano de uma guerra secular. **Geografia (Londrina)**, v. 26, n. 1, p. 143-157, 2017. <https://doi.org/10.5433/2447-1747.2017v26n1p143>
- FRAGA, N. C.; HOBAL, M. A.; FERNANDES, R. C. P. Turismo de Guerra – o roteiro turístico como elemento de desenvolvimento local e regional para o interior na perspectiva de que o “Brasil oferece mais do que praias e carnaval”. Curitiba. **PerCurso: Curitiba em Turismo**, Faculdades Integradas Curitiba, a. 5, n. 5, 2006, p. 137-186.
- HOLANDA, S. B. de. Um mito geopolítico: A ilha Brasil. In: _____. **Tentativas de mitologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 61-84. (Col. Debates – 161).
- INFOESCOLA. **Sertão**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/geografia/sertao>. Acesso em: 04 Jul. 2020.
- LEONARDI, V. **História e Sertão**. In: Entre árvores e esquecimentos: história social nos sertões do Brasil. Brasília: Ed. UnB, Paralelo 15, 1997, p. 307-321.
- LIMA, N. T. 1999. **Um Sertão Chamado Brasil**: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Revan/IUPERJ-UCAM, 1999.
- SANTOS, T. D. L. B. **Vãos da espera e da esperança**: o bairro Sagrada Família e as estratégias de permanência no sertão norte-mineiro. 2015. 101 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- MORAES, A. C. R. **A dimensão territorial nas formações sociais latino-americanas**. In: AZEREDO, Francisca L. Nogueira de e MONTEIRO, John Manuel (orgs.). Raízes da América Latina. Rio de Janeiro/São Paulo: Expressão e Cultura/Edusp, v.5, 1996.
- MORAES, A. C. R. O Sertão. **Terra Brasilis**, [S.L.], n. 4-5, p. 1-8, 1 jan. 2003. <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.341>
- MORAES, A. C. R. **Terrítório e História no Brasil**. São Paulo, *Hucitec / Annablume*, 2002.
- MUNGIOLI, M. C. P. **Minissérie Grande Sertão**: Veredas: gêneros e temas. Construindo um sentido identitário de Nação. 2006. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NOGUEIRA, C. E. Território, sertão e ciência: expedições civilizatórias e geografia no Brasil (1900-1930). **GEOSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 22, n. 1, p. 043-060, 2018.

<https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2018.122319>

OLIVEIRA, B. **Planaltos de frio e lama**: os fanáticos do contestado: o meio, o homem, a guerra: ensaio de história. Florianópolis: FCC, 1985.

OLIVEIRA, É. D.; FRAGA, N. C. Lebon Régis/SC, da vivência cabocla no Contestado ao sufocamento na lógica agrário-capitalista. **Revista Tamoios**, v. 12, n. 2, 2016.

<https://doi.org/10.12957/tamoios.2016.25152>

QUEIROZ, R. **Sertão, sertanejos** In: Caatinga, Sertão e Sertanejos. Rio de Janeiro: Editora Alumbamento, p. 57-66, 1994/1995.

RÊGO, A. H. O sertão e a geografia. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 63, p. 42-66, 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p42-66>

RONDON, C. M. S. **Conferências realizadas perante a Sociedade Rural Brasileira** – São Paulo, 31 de julho de 1920; Cuiabá, 15 de dezembro de 1919; e Piracicaba, 4 de agosto de 1920. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1922.

SAMPAIO, T. O sertão antes da conquista (século XVII). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, volume V – 1899-1900. São Paulo: Tipografia do Diário Oficial, 1901.

SENA S. **A categoria sertão**: um exercício de imaginação antropológica. Brasília: UnB, (mimeo), v.1, n.1, 1998. <https://doi.org/10.5216/sec.v1i1.1776>

FRAGA, N. C.; SILVEIRA, H. M. Fogo de (no) chão: pinhão, quirera e chimarrão - a comida como base cultural da Região do Contestado. **Revista NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses)**, v. 1, p. 303-327, 2015. <https://doi.org/10.5380/nep.v1i1.43275>

TEIDER, T. M. M.; FRAGA, N. C. O Contestado Vive! Entre o espaço sagrado de João Maria e o Assentamento Contestado, resistências sobre a invisibilidade secular na Lapa-PR. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 3, p. 184-198, 2017. <https://doi.org/10.5433/got.2017.v3.32108>

WALTER, A. **Gestion des frutiers au Vanuatu**. Cahiers des Sciences Humaines. Paris: ORSTOM, vol.32, n° 1, p.85-104, 1995.

Recebido em: 11/08/2022

Aceito para publicação em: 23/01/2023